

JG

jornal da graduação



Inglês sem Fronteiras

A oportunidade na porta da universidade

ESCOLA LIVRE

Espaço sem uso se torna fábrica de conhecimento

ELEIÇÕES DCE

Por todos os cantos assume mandato



Por Ana Beatriz Sacramento
Aluna do 4º período de Jornalismo

Ocupação Cultural

Universitários decidem usar ambiente inutilizado como espaço para fabricação de conhecimento mútuo

A Escola Livre é um grupo de extensão da UFRRJ que constitui um espaço aberto como o objetivo de união e troca de conhecimento, o local é disponibilizado para a produção de pesquisas e ensino.

Maria Helena Vieira da Silva foi uma artista plástica portuguesa que viveu no Brasil de 1940 a 1947 para fugir das perseguições nazistas. Foi ela a responsável pelos azulejos que estão na sala de estudos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Por ser uma mulher lutadora e por possuir esse vínculo com a Universidade, Vieira da Silva foi o nome escolhido para intitular o espaço em anexo ao alojamento feminino F6 da Rural. O espaço era utilizado como Restaurante-Escola há seis anos, e encontrava-se em estado de abandono.

Paralelo a isso, as moradoras do F6 encontraram a oportunidade de construir um ambiente para a prática de alguns projetos. Inicialmente, a idéia era compor um círculo de estudantes para poder debater sobre os problemas das mulheres dos alojamentos e a partir

disso foram sendo elaboradas oficinas, dentre elas, de dança, origami, malabares e fanzine.

- A gente queria que aqui fosse um espaço de troca de conhecimento e aí nesse primeiro momento teve a ocupação em que a gente ainda está desenvolvendo projetos pedagógicos. As ferramentas mais simples são as oficinas dadas por nós, cada um tem uma coisa para oferecer. Nós fizemos uma tabela com os dias e horários e fomos perguntando qual o horário disponível das pessoas e o que podiam oferecer de forma voluntária - contou Cynthia Dias, aluna de Belas Artes da UFRRJ e uma das organizadoras do espaço.

A idéia é desenvolver um projeto político pedagógico (PPP) que vai tornar a Escola Livre um programa com novas formas de ensino e de educação, como um grupo de estudos, e continuar com a produção de oficinas e palestras para propor a criação de conhecimento em conjunto. Tirar essa relação de aluno-professor, uma vez que todo mundo pode oferecer conhecimento através das oficinas, independente de ser funcionário, estudante ou morador de Seropédica.

Expediente:

Pró-reitora de Graduação: Lúgia Machado / **Pró-reitor Adjunto de Graduação:** Leonardo de Gil Torres / **Diretora do Departamento de Assuntos Acadêmicos e Registro Geral (DAARG):** Marta Maria Figueiredo / **Diretora da Divisão de Registros Acadêmicos:** Marlene Sebastião da Cruz / **Diretora da Divisão de Matrícula:** Anazir Correa / **Jornalista:** Sabrina Dias
Estagiários: Ana Beatriz Sacramento, Cynthia Dias, Mariana Ribeiro e Sandro Schütt / **Diagramação:** Sabrina Dias /
Artes Gráficas / Ilustração da Capa: Cynthia Dias, aluna de Belas Artes
Rodovia BR 465, Km 7, antiga Rodovia Rio São Paulo, Sala 92 do Pavilhão Central da UFRRJ.
Seropédica/RJ - 23897-000. Telefones para contato: 21 2682-1112 / 21 2681-4699 Telefax: 21 2682-2810.
E-mail: comunicacao.prograd@gmail.com / **Twitter:** @prograd_UFRRJ /
Facebook: facebook.com/PROGRAD.UFRRJ / **Blog:** www.blogdagraduacao.blogspot.com

Por Mariana Ribeiro
Aluna do 4º período de Jornalismo

Conexão México X Brasil

Aluna de Comunicação Social, na Universidade do México, conta as experiências vividas na UFRRJ

Aluna Fernanda Lòpez Cano veio da Universidade mexicana Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, para estudar na UFRRJ durante 6 meses, através do Programa Brasil – México (BRAMEX). Fernanda que estava no oitavo período quando veio para o Brasil, diz ter tido uma experiência maravilhosa ao viver na Rural, colocando a UFRRJ como mais do que uma universidade, uma verdadeira casa:

– O viver na rural no começo foi um choque, já que eu estou acostumada a viver na cidade, mas isso ajudou a me reconectar com a natureza, esquecer o mundo e realmente conhecer as pessoas que eu tinha em torno de mim. Sendo assim, eu fiz memórias que vou carregar na minha mente por toda a vida –, declarou a aluna que está no final da Graduação de Comunicação Social.

Em um nível intelectual, a aluna se sente imensamente grata aos professores da Rural que a acolheram mesmo com a diferença cultural e a barreira de se falar outro idioma. As aulas que ela teve na Universidade ajudaram a entender e a processar uma grande quantidade de informações que vão ser muito úteis em sua vida diária e profissional:

– Eu não tenho nada além de amor e respeito por cada uma das pessoas que eu conheci na Rural e no Brasil em geral, é um país lindo, cheio de cultura e arte, mas

o que mais salva desta experiência são os amigos que fiz, que são como irmãos para mim. O conhecimento que eu adquiri e a paixão que os brasileiros têm em cada uma das coisas que eles fazem, de fazer um brigadeiro no quarto a ir para as manifestações, tudo isso já faz parte de mim é o que eu tenho na memória de mais precioso. – concluiu Fernanda.

A Estudante ainda contou que se sente totalmente diferente desde o dia em que conheceu a Rural. Disse ter um grande amor pelo Brasil e seu povo, pela Rural e tudo o que é parte da Universidade que a acolheu. Fernanda completou dizendo que tem esperança de que mais pessoas tenham a oportunidade de conhecer o Brasil, como ela conheceu.



Fotos: Arquivo Pessoal



Por Ana Beatriz Sacramento e Sandro Schütt
Alunos do 4º período de Jornalismo

Um DCE para todos

Nova gestão do Diretório Central dos Estudantes da UFRRJ diz que pretende ampliar o diálogo com os alunos

Após um ano de gestão, a chapa Anonymous deixa seu mandato. As eleições para novos representantes dos estudantes ocorreram nos dias 17, 18 e 19 de dezembro, e urnas foram espalhadas por todos os cantos da Universidade. No total, foram computados 2.565 votos, revelando uma baixa participação dos discentes que somados os três *campi* somam cerca de 16 mil.

Este foi o cenário encontrado pelas chapas que disputaram o pleito. A chapa 1, Por Todos os Cantos, marcada pela diversidade na composição de seus integrantes, arrematou 1256 votos, ou 49% do total. Entre as outras chapas – a sucessora da antiga gestão, chapa 2, Em Frente, e a sempre protestante chapa 3, Não Vou Me Adaptar – somaram juntas a mesma quantia da vencedora. Cinquenta e três pessoas votaram em branco. Mesmo considerado o empenho das chapas em fazer com que o corpo estudantil participasse plenamente das eleições, houve baixa participação.

A maior meta da nova gestão é aproximar os estudantes do DCE fazendo com que se interessem pelas questões políticas dentro da Universidade, e o baixo quórum durante as eleições não desestimulou o grupo vencedor. Leandro Rocha dos Santos, aluno do quarto período de Filosofia e integrante das comissões de Assistência Estudantil e Combate às Opressões, explica que:

– Essa falta de participação, a grande evasão ocorrida nessa campanha, é justamente pelo motivo de ser época de prova e fim de ano, muita gente estava indo embora nos dias da eleição. E também pela pouca articulação com os grupos organizados e com os CAs e DAs da Universidade que o DCE vinha apresentando –, afirmou.

Contando com um plano de abordagem diferenciado, defendendo sempre a igualdade e a horizontalidade do Diretório Central de Estudantes, a gestão Por Todos os Cantos pretende mudar este quadro. Quando questionado sobre como iriam trabalhar com a questão da democratização dos espaços decisórios, Leandro respondeu de prontidão:

– A democratização dos vários setores da Universidade se faz necessária justamente para que possa haver maior clareza de todo o processo que ocorre em todas as instâncias da instituição, e, para que os estudantes, tendo conhecimento dessa clareza, possam se inserir de forma mais adequada.

Argumentando sobre os métodos de aproximação do movimento estudantil aos processos democráticos dentro da Universidade, Leandro menciona a parceria com os grupos organizados da Rural, os quais ganham cada vez mais notoriedade e respeito:

– Colocando de uma forma clara, desde que nos reunimos para pensar a gestão, nos aproximamos dos grupos organizados – NUN, PONTES, Coletivo de Mulheres e katumbaia – grupos que pautam os direitos na Universidade e que tem demandas concretas para poder construir a gestão conosco. Não somos uma gestão isolada, somos uma gestão participativa. É essa a proposta de gestão que queremos instaurar para poder mudar essa questão da participação por parte dos estudantes. A gente às vezes pensa se o estudante é distante, ou somos nós, enquanto movimento estudantil, que devemos criar medidas para que esse quadro mude. Temos que estar mais abertos. Sermos ouvidos para que possamos ouvir suas demandas e fazer com que se reapaixone pelo movimento estudantil –, afirma Leandro entusiasmado.

Torrente de propostas

Mesmo tendo sofrido muitas críticas durante o período de campanha, por apresentar um material com muitas propostas, os integrantes da chapa Por Todos os Cantos acreditam que as críticas ao panfleto foram menores que os resultados positivos. Segundo o aluno do quinto período de Relações Internacionais e integrante da comissão de Esportes, Alexandre Lourenço de Oliveira, no panfleto eles conseguiram aglutinar uma quantidade de grupos diferentes, que possuem demandas e necessidades diferentes em cada instituto:

– Juntamos todas as demandas e colocamos aqui nesse programa. Lê-se no topo *Propostas e Bandeiras*, mas, o que deixamos claro para os estudantes é que esse material tinha o papel de elencar as principais necessidades, os principais problemas infraestruturais e de outros aspectos que a Universidade vivencia hoje –, explicou o aluno que foi além – às vezes as pessoas olhavam para nossas propostas e questionavam “Caraca, olha só essas propostas. Duvido que conseguirão cumprir em um ano.” Realmente não vamos. Até porque a intenção não é cumprir tudo aquilo em um espaço de tempo tão curto, e sim, informar ao aluno quais são nossas bandeiras, aquilo pelo qual lutamos. Por mais que que a gente não consiga o bandeirão no IT pra esse ano, a pauta é nossa. São demandas nossas – conclui, Alexandre.

Organização

Em questões de organização interna, a nova gestão se articula em comissões, sendo cada uma responsável por determinados assuntos. Dentre esses grupos de interesse organizados se encontram a comissão de Finanças, Cultura, Esporte, Assistência Estudantil e Combate às repressões. Cada uma com a função de atender as demandas dos diversos setores relativos ao corpo estudantil da Universidade. Como, por exem-

“acreditamos que 20 pessoas não representam uma Universidade de ” 14 mil pessoas”

plo, a questão da discriminação de grupos minoritários, que será atendida diretamente pela Comissão de Combate às Opressões.

Assim, a nova gestão do DCE pretende atender mais demandas e realizar um trabalho eficiente. Os grupos de interesses poderão atender diretamente ao estudante, como explica Alexandre:

– Cada comissão tem a função de fazer um balanço das pautas e dialogar com os estudantes. Por exemplo, aqui tem a parte do desporto, da cultura e do lazer. Então a comissão responsável por essa área vai elencar, junto com os alunos e os diretórios, quais são as demandas da comunidade estudantil – que resume de maneira simples o caráter da chapa – O que deixaremos bem destacado, é que independente da prioridade que a gente dê, ela só será realizada, só será concretizada com muita força estudantil. Com muita gente mobilizada, com muitas pessoas contribuindo com o DCE, com muitos estudantes se interessando por tocar a luta por melhorias na Universidade, será mais fácil, pois um DCE sozinho não faz nada. Não é capaz de mudar a realidade da Universidade nem de lugar nenhum.

Aproveitamos a oportunidade para realizar uma entrevista “ping-pong” com três alunos que fazem parte da chapa Por Todos os Cantos. Caroline Otávio – 2º período de Ciências Sociais, Leonardo Cruz – 4º período de Ciências Sociais e André Flores – 8º período de Ciências Sociais. Leia e entenda um pouco mais os planos da chapa vencedora.

Como é a relação com a política no DCE?

O DCE não é um movimento apartidário, mas sim suprapartidário. Nós temos pessoas que compõem partidos políticos, mas não concordamos que um partido chegue e coloque a sua linha política para poder seguir dentro da universidade. Isso tem que partir da base da demanda específica que a gente tem aqui.



Entrevistando eleitores, observei que a maioria votava por amizade e não por se motivar com a política da universidade, o que vocês pensam sobre isso?

Acho que as pessoas se envolvem com a política da universidade e votam realmente por amizade, só que esse votar por amizade significa ter uma relação de confiança com a política através da gente. As pessoas vêem o nosso trabalho efetivo dentro do centro acadêmico vêm a gente pautando lutas reais dentro dos grupos

organizados. Entendemos que por muitas das vezes há falta de discussão política só que isso não quer dizer que o processo de campanha não vai ser auto-suficiente para se fazer essa discussão, a gente entende que esse é o processo que transforma uma chapa em gestão, um processo onde as discussões políticas precisam ser debatidas.

Como vocês enxergam a relação da representação estudantil com a reitoria?

A gente parte primeiramente do diálogo, às vezes as pessoas querem muito partir pro enfrentamento quando não há necessidade dele. Nós vamos às instâncias que precisamos ir e tentamos esse diálogo, a partir do momento que não há o dialogo aí entra a ação, que foi o que aconteceu, por exemplo, com a ocupação do F6 quando a gestão Cantamos junto com as alunas, se mobilizou, se organizou e ocupou o hotel. É uma luta legítima, a reitoria não esperava que fosse feito e fizeram. E conseguiram. Foi uma ocupação e hoje em dia é um alojamento feminino. Ilustra bem aquilo que a gente entende como ocupação legítima do movimento estudantil, não deslegitimando o processo de ocupação que é um instrumento de movimentos sociais, só que a gente entende que uma ocupação, quando acontece, tem que ter ganhos de curto prazo.

Como funciona a dinâmica da Chapa?

Nós trabalhamos da forma mais horizontal possível, pois acreditamos que 20 pessoas não representam uma universidade de mais de 14 mil. Por termos grupos organizados, eles têm autonomia à respeito dos seus respectivos assuntos dentro da chapa. Como por exemplo, o NUN, ele vai ter a autonomia para estar protagonizando a questão racial. Se acontecer alguma discussão, alguma polêmica em relação ao assunto racial a última palavra vai vir do NUN, não por hierarquia, mas por respeito de que aquele grupo já se organiza há mais tempo nessa questão.

Essa chapa foi a que mais se preocupou com a questão cultural. Vocês acham que isso influenciou na vitória?

A gente se preocupa muito com a questão cultural, essa cultura popular de fato, não aquela que é comprada pela indústria. Nos preocupamos com a relação da cultura e da questão da identidade e com a cultura ser propagada, principalmente, pela universidade. Entendemos que de certa forma foi essencial a preocupação com a cultura e a imagem para a vitória dessa campanha. A Sala de Cultura já tem feito esse trabalho lindamente. Todo mês um sarau, uma atividade diferente, sempre diversificando na sua programação, já com esse objetivo e o foco é continuar esse processo e ampliar ele para que mais pessoas se envolvam também.

Colabore

Quer contribuir com o Jornal da Graduação?
Envie poemas, textos e ilustrações para o e-mail:
comunicacao.prograd@gmail.com



Por Ana Beatriz Sacramento e Mariana Ribeiro
Alunas do 4º período de Jornalismo

A estruturação do ISF na Rural

Chega à UFRRJ um projeto para auxiliar alunos interessados em melhorar a fluência na língua inglesa

O novo período que se inicia traz com ele algo inovador na Universidade, a implantação de um programa específico de capacitação em língua inglesa, que irá preparar alunos que vão para o exterior a ter conhecimento linguístico e uma breve adaptação a uma nova vivência cultural.

O programa intitulado de Inglês sem fronteiras (ISF) faz uma alusão ao Ciência sem Fronteiras, que é o responsável pela distribuição de bolsas de estudo no exterior, onde existe uma quantidade expressiva de alunos que vão estudar em outro país sem um preparo linguístico e psicológico.

Assim, o Ministério da Educação (MEC) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) determinaram a criação desse programa incorporado ao Ciência sem Fronteiras, com o objetivo de fazer com que alunos pudessem ter um nivelamento de inglês mais efetivo, visto que permanecem no exterior por um longo período de tempo.

O Inglês sem Fronteiras opera basicamente em três frentes: o primeiro é a aplicação de provas de capacidade em língua inglesa; a segunda frente é através do My English Online, curso online que os alunos tem acesso a uma rede da Capes com o

MEC; e a terceira e principal é o Núcleo de Língua Inglesa (NuLi), o curso presencial de língua inglesa.

O NuLi não foi instituído em todas as universidades federais, foi somente apresentado para cada uma delas, que tiveram a opção de implementar ou não o programa nos seus campi, dado que há uma série de critérios para a inserção desse programa. Um deles é a existência do curso de letras e/ou um grupo de professores de inglês numeroso.

Os cursos elegíveis ao Ciência Sem Fronteiras tem prioridade, esse é o segundo critério, dado que o primeiro é ser aluno da graduação ou pós da universidade. Os alunos das humanidades também podem participar do NuLi só que eles vão ingressar quando houver vaga ociosa, ou então, serão colocados em uma lista de espera.

Por agora a Rural não irá atender os três *campi* (Seropédica, Nova Iguaçu e Três Rios), pois não é possível formar NuLi em todos. Como o projeto tem base no tripé: aplicação dos exames de proficiência, o My English Online e o NuLi. Neste início o projeto será oferecido apenas no *campus* sede, único no qual a Universidade oferece a modalidade Letras Inglês/Português como curso de graduação.

Ainda assim, ocorre uma carência de professores bolsistas, pois estes são alunos da graduação do curso de letras em Seropédica. Porém, ainda assim, alunos dos outros *campi* também podem praticar o aprendizado no *campus* Seropédica da UFRRJ.

Cada universidade tem um contexto diferente, e na Rural estão sendo solicitadas aulas à noite devido a realidade dos universitários que em sua maioria são trabalhadores também:

- Em relação às aulas a noite, há a carência de salas de aula, foi proposto o início de aulas aos sábados, só que o núcleo gestor do inglês sem fronteiras é muito refratário a essa ideia de aulas aos sábados porque eles acham que um dia por semana (4 horas) não é suficiente para o aluno ser capacitado de uma forma plena – explicou o coordenador do Inglês Sem Fronteiras na UFRRJ, professor Anderson Gomes.

Para a definição do elenco de professores bolsistas houve um processo seletivo, onde os profissionais tiveram de fazer o exame Toefl (teste de habilidade) com uma nota específica equivalente a 85% de acertos. A etapa seguinte foi o processo de treinamento intensivo, no qual os professores apresentaram aulas para os dois coordenadores pedagógicos, o professor Gomes e a professora Fernanda Dias. Eles receberam dicas em relação ao objetivo específico

dos alunos para o Ciência Sem Fronteiras, que não é apenas o de capacitação em língua inglesa, mas também realizar os exames de proficiência, como o TOEFL iBT e/ou IELTS.

As disciplinas do Inglês Sem Fronteiras são voltadas para o desenvolvimento de habilidades orais, escrita e leitura de inglês acadêmico, além de uma disciplina de cultura e vivência universitária no exterior.

Os bolsistas estão abertos para consultas desde o início de novembro no Pavilhão de Aulas Teóricas (PAT) no *campus* de Seropédica para os alunos que têm dúvidas no My English Online. O programa é bem amplo, logo, o candidato cumprindo todos os critérios que estão presentes no edital já fica elegível ao programa.

As inscrições para o Inglês sem Fronteira que ocorreram entre o dia 09/12 a 16/12, já tiveram seus resultados divulgados no dia 10/01. As aulas tiveram início no dia 13 de janeiro de 2014.

Para saber mais acessem a página oficial do programa no facebook: Inglês Sem Fronteiras – UFRRJ. E fiquem atentos as novas datas para as inscrições que começaram no dia 29/01 e se estenderão até o dia 13/02, para início do segundo bloco de aulas em 20/02.





Projeto Transformar

Alunos do Campus Três Rios da UFRRJ se articulam com a comunidade em prol da solidariedade

Terminou no mês de Dezembro, a 1ª fase do Projeto Transformar. O Projeto é uma iniciativa das Professoras Elizabeth Hatchuel e Camila Avozani Zago, em conjunto com discentes do curso de Administração do Instituto Três Rios, tem como principal objetivo: estimular o compromisso socioambiental dentro e fora do Campus.

Este projeto, também, tem se mostrado uma excelente oportunidade para que os alunos desenvolvam diversas habilidades, tais como: planejamento, organização, comunicação, relacionamento interpessoal e o compromisso com os resultados. É importante ressaltar que o Transformar conta também com o apoio e a participação dos demais docentes, discentes e servidores do ITR - UFRRJ, além é claro, da comunidade.

Nesta primeira etapa, denominada Transformar Solidário, o foco foi a arrecadação de alimentos não perecíveis, que foram doados para instituições que atuam em benefício da comunidade trirriense e arredores, sendo elas: o Asilo São Vicente, a Apae de Três Rios e o Instituto Imaculado Coração de Maria em Paraíba do Sul. As entregas foram realizadas entre os dias 28/10/2013 e 05/11/2013, com a participação dos próprios alunos. A discente Mayara Alves Vagueira, do 2º período do Curso de Administração,

afirmou que essa experiência foi muito gratificante e com certeza vai contribuir com o seu crescimento pessoal e profissional. Ela acrescentou ainda que sentiu despertar o desejo de realizar visitas com maior frequência a esses lugares, uma vez que é notória a necessidade que as pessoas têm de amor e carinho.

Tendo em vista que o Natal se aproximava, durante o mês de Dezembro, o empenho estava voltado para a arrecadação de brinquedos. Ainda nesse mês, sob a coordenação da professora Elizabeth Hatchuel e da aluna Mayara Alves Vagueira, teve início a 2ª fase do Transformar, denominada Transformar Verde, que consiste no desenvolvimento de diversas atividades, tais como: fixação de cartazes informativos sobre como cuidar e economizar os recursos ambientais, além da organização para as palestras de educação ambiental que ocorreram no mês de janeiro e a mobilização da comunidade acadêmica para a implantação da coleta seletiva, tudo isso com o objetivo de estimular a consciência ambiental e consequentemente, contribuir com a preservação do nosso planeta.

Este texto é uma contribuição de Rita de Cassia Nicolau da Silva Luzia - Secretária do Curso de Administração do ITR/UFRRJ e as fotos foram tiradas pelos próprios alunos.



Por Sandro Schütt
Aluno do 4º período de Jornalismo

Além das fronteiras geográficas

Revista do DEGEO discute temas variados, incluindo, as manifestações de 2013

O que vem à sua cabeça quando você escuta a palavra geografia? Superficialmente, vemos este campo do conhecimento apenas como mapas e estatísticas, seja por falta de informação ou demais fatores que nos distanciam de seu sentido mais amplo.

Diferente do conceito generalizado que possuímos sobre a geografia, seu campo de estudos já extravasa, há muito tempo, a cartografia. Ela abrange várias áreas do conhecimento, como física, química, matemática, climatologia, sociologia, filosofia, ciências políticas, etc.

Com seu terceiro número recém publicado, a revista Continentes, que é semestral, tem dentre seus objetivos a popularização do conhecimento sobre a abrangência e relevância da geografia, enquanto um dos poucos campos que formam um ponto de convergência entre ciências exatas e humanas.

Idealizadores e executores do projeto, os professores do DEGEO-UFRRJ e editores da revista, André Santos da Rocha, Guilherme Ribeiro, Leandro Dias de Oliveira e Maurilio Lima Botelho, são responsáveis por esta ambiciosa publicação. Entrevistamos dois deles - André e Leandro - para falar um pouco sobre o projeto.

Jornal da Graduação - Como teve início a revista Continentes? Quem foram seus idealizadores e responsáveis por trazer este projeto à tona?

Leandro Dias - A revista é um projeto que nasceu quase simultaneamente com o curso - que é bem novo, oriundo do REUNI. Nosso primeiro editor foi o professor do DEGEO (Departamento de Geociências) Maurilio Lima Botelho, e nasceu com o nome de Cadernos de Geografia Rural, que demorou até se estabelecer como revista. Em seguida, juntaram-se ao grupo mais três professores - eu, André Santos e Guilherme Ribeiro - e transformamos o projeto (que seria para atender o público interno, mais especificamente nossos alunos de graduação) em algo que extravasasse os muros da própria UFRRJ. Ou seja, uma revista que servisse não somente para nosso departamento, mas sim como fonte de trabalhos acadêmicos para o Brasil todo e até para o mundo.

Se no início o projeto possuía apenas um editor, com a nossa chegada ele passou a ter uma intenção acadêmica mais abrangente, isso em cerca de um ano e meio. Acabamos de lançar o terceiro número, o quarto deve chegar agora no primeiro semestre de 2014.

JG - Na última edição vocês abordaram as manifestações de junho e julho. Considerando que este tema é mais voltado para as áreas da sociologia e política, quais áreas do conhecimento vocês pretendem abordar além da Geografia?

André Santos - É interessante pensarmos nesta questão, porque isso aponta a amplitude do que a geografia representa para reflexões de cunho social, político e

sociológico. Questões que envolvem o estudo da geografia extravasam a simples compreensão de uma descrição de lugares, ela tem um poder amplo de análise. O exemplo da seção que inauguramos, *Posições*, deixa clara a importância de se pensar estrategicamente a importância da espacialidade. Um ponto de análise que foi bem fundado nos textos é justamente a questão de pensamento urbano como foco das manifestações – os movimentos sociais, a população como um todo, se dá de forma especializada. Pensar a geografia através desses movimentos sociais se faz válido no mundo contemporâneo.

A ideia da revista, sendo uma publicação de geografia, é pensar esses diálogos com as ciências humanas, mas também pensar a própria proposta clássica da geografia, sem deixar de considerar o que chamamos de “a grande área da geografia”, que abrange física, geologia, geomorfologia, geotecnologia, geoprocessamento, engenharia da informação, entre outras. É uma revista de geografia, complexa, mas nós editores tentamos dar essa cara um pouco mais progressista que a geografia contemporânea apresenta.

Leandro Dias – Na verdade as manifestações devem ser estudadas por todo cientista interessado em compreender a sociedade, mas nesse editorial assinado por nós quatro, temos a intenção de abrir ao máximo a geografia para outras ciências, seja história, ciência política ou sociologia. O objetivo é abrir essa ciência para outros campos como a arte e a literatura, com manifestações que a Universidade não tem tempo de desdobrar em seu dia-a-dia, manifestações que estão além de seus círculos acadêmicos, tentar fazer com que a geografia se abra não somente cientificamente, mas também na interpretação de mundo.

JG – Quanto ao público-alvo, vocês visam algum específico ou ele é mais amplo?

André Santos – Tem duas respostas pra isso. Primeiro quem é o público efetivamente leitor? Pensamos em primeira instância na comunidade da geografia da UFRRJ. Gostamos de lembrar que a geografia não está presente apenas no *campus* de Seropédica, também existe um curso de geografia em Nova Iguaçu. São dois cursos recém-criados que agregam um público que de alguma forma precisa se atualizar e ler sobre demandas e pesquisas contemporâneas para agregar os frutos das pesquisas que são produzidas aqui dentro. Diversos professores, tanto de nosso departamento quanto do IM, possuem pesquisas bem consolidadas na área da geografia urbana, geografia política e geografia física. São pesquisas que necessitam aparecer e serem demonstradas para o público.

A segunda questão é em relação ao formato da revista, pelo fato de possuir um formato virtual, comum hoje nas grandes revistas do Brasil e do mundo, ela ganha amplitude. Outro ponto interessante da revista é que sempre tentamos trazer autores de dentro e também de fora do país. Os textos são traduzidos para viabilizar a compreensão das pessoas que não dominam

mais de uma língua - tentamos dar o máximo de acessibilidade ao público, interno e externo à Rural.

Também é válido abordar a mudança de plataformas que a gente vem se inserindo aqui. Os dois primeiros números estavam numa plataforma criada pelo nosso editor técnico, Thiago Marino. Ele mesmo havia montado a plataforma virtual que tinha um modelo mais específico, não como o das outras revistas. Na tentativa de universalizar nossa produção aqui na Universidade, estamos adotando agora a plataforma CEER, que é específica para a editoração de revistas eletrônicas. Essa nova plataforma vai permitir para a *Continentes*, e também para o público da Rural, um diálogo maior com a revista assim como as demais do país. Um dos nossos interesses é pensar a difusão dos conhecimentos da nossa Universidade.

Um ponto que não podemos deixar de pensar é o critério para avaliar as melhores universidades no Brasil, e entre eles está a popularização do conhecimento e a acessibilidade. Existe uma pontuação que classifica as grandes universidades brasileiras que figuram entre as melhores do mundo. No geral, quando a universidade apresenta um número grande de revistas e conhecimentos disponíveis eletronicamente, ela se torna mais conceituada. Talvez a Rural, através dessas iniciativas, tenha uma estrutura de publicações deste gênero, que sejam mais abrangentes e que contribuam para tornar a universidade melhor conceituada perante os olhos dos órgãos avaliadores.

JG - Os artigos geralmente são publicados por docentes, mestres e doutores. Existe a possibilidade de alunos também publicarem suas pesquisas e artigos? Se sim, como funciona o processo de submissão dos trabalhos para a avaliação dos editores?

Leandro Dias – Perfeitamente. Já tivemos resenhas publicadas por nossos alunos, que são formandos, e já temos resenhas enviadas para publicação no próximo número. Não precisam necessariamente ser alunos de graduação em geografia, podemos receber trabalhos de qualquer aluno, seja de graduação ou pós-graduação, mestrado, doutorado, professor ou mesmo que não tenha um vínculo com a universidade em específico. O trabalho de avaliação de leitura interna está em curso. Os trabalhos enviados passam por uma leitura prévia que podem recomendar ações e inserções no texto visando seu enriquecimento. Não é um canal de publicação restrito apenas a um grupo, a intenção é publicar todo e qualquer tema – seja aluno de graduação.

Para submissão de artigos e pesquisas aos editores da *Continentes*, entre em contato com: Leandro Dias. E-mail: leandrodias@ufrj.br ; diasgeo@gmail.com ; fone: (21) 98766-2478. André Santos. E-mail: asrgeo@gmail.com ; fone: (21) 98521-8085. Revista *Continentes* e-mail: continentes@ufrj.br



Sala de Cultura expõe desenhos

No dia 20 de janeiro, na sala de cultura, foram expostos os desenhos da aluna do terceiro período de agronomia, Thaís Soares. Com base em sua página no facebook - Algo sobre Algo - sua arte trata de questões existenciais, a relação do homem com a natureza, entre outros assuntos. Os desenhos ficaram expostos até o dia 26.



Abrem-se as portas para 2014-1

Nos dias 17, 20 e 21 começaram os preparativos para receber os novos calouros da Universidade. Os aprovados na primeira Lista do Sisu, se encantaram com a beleza da Rural e estão entusiasmados para o período 2014-1, que se inicia no dia 26 de março de 2014.

Sejam bem-vindos calouros !